

TÉCNICOS DE FUTEBOL E A PRÁTICA DA PSICOLOGIA NO ESPORTE

(2006)

* Irani de Lima Argimon
** Carolina Coelho Palma
** Cristine Boaz
** Helena Rosa de la Rosa
** Karen Agostini Daldon
*** Roberta Fernandes Lopes do Nascimento

* Tutora do Programa de Educação Tutorial - PUCRS
** Bolsistas do Programa de Educação Tutorial – PUCRS
*** Mestranda do Programa de Pós-graduação da PUCRS

Irani I. de Lima Argimon

Psicóloga, Doutora em Psicologia e Professora da Graduação e Programa em Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS.
Avenida Ipiranga, 6681 - Partenon - Porto Alegre/RS - CEP: 90619-900
Tel: (51) 3320.3633 ramal 221
Email: argimoni@pucls.br

Roberta Fernandes Lopes do Nascimento

Psicóloga, Mestranda em Psicologia Clínica no Grupo de Pesquisa Avaliação e Intervenção Psicológica no Ciclo Vital PUCRS, Perita Examinadora do Trânsito e Consultora Organizacional.
Av. Assis Brasil, 3532 sala 513/515 – Jardim Lindóia – Porto Alegre/RS –
CEP: 91010-003
Tel: 51-3350. 5033 ou 51-3350.5042
Email: roberta@w3tech.com.br

RESUMO

Este estudo pretende identificar como os técnicos de futebol significam o trabalho da psicologia do esporte, procurando entender como esta prática é produzida. Para isso, foi realizada uma contextualização histórica da Psicologia do Esporte no Brasil, assim como uma discussão a respeito de sua dinâmica. Utilizamos a metodologia qualitativa, através de entrevistas com cinco técnicos de clubes profissionais de futebol de Porto Alegre/RS. Para a análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo. Observou-se que a prática parece não condizer com o discurso, produzido pelos técnicos, de valorização do trabalho da psicologia, visto que esta atuação fica restrita a uma última alternativa, uma prática corretiva. Os técnicos mostram-se ambivalentes em relação ao profissional da psicologia, sentindo sua prática ameaçada por esta intervenção. O psicólogo, nesse contexto, ainda não realiza uma efetiva inserção no meio esportivo, delimitando seu espaço e a importância de seu trabalho.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, Psicólogos, Técnicos, Futebol

INTRODUÇÃO

A Psicologia do Esporte, mesmo não sendo tão recente, nos últimos anos vem ganhando importância no nosso país, consolidando seu esforço no meio esportivo e absorvendo muitos profissionais da psicologia. Inicialmente, assim como a Psicologia geral, a psicologia do esporte esteve ligada estritamente à patologia, através de uma abordagem individualista, que teria como foco a cura de doenças relacionadas à mente. Entretanto, o movimento que esta ciência vem fazendo mostra-se também na intersecção entre psicologia e esporte. Uma abordagem não só individual, mas também grupal, e uma ênfase na prevenção de problemas psíquicos, torna-se o principal foco de trabalho dos psicólogos e profissionais que trabalham em conjunto. Com isso, não se exclui o trabalho de facilitador curativo do psicólogo, mas se releva seu preparo para trabalhar com o desenvolvimento psíquico do indivíduo, enfocando uma auto-regulação de seus processos psicológicos, melhorando seu bem-estar.

A Psicologia do Esporte continua sendo uma nova área de conhecimento da Psicologia, tanto para psicólogos, que a reconhecem como uma especialidade (Conselho Federal de Psicologia, 2001), quanto para profissionais do esporte, sejam eles atletas, técnicos ou dirigentes. Muitas vezes, esses profissionais não possuem conhecimento do auxílio que essa intervenção pode oferecer em uma prática esportiva, como o aumento do rendimento esportivo dos atletas ou a superação de situações adversas. Assim, a Psicologia do Esporte pode auxiliar em fatores da prática esportiva em diversos âmbitos, ultrapassando fronteiras que ainda são desconhecidas por muitos profissionais.

A Psicologia, da maneira como se encontra organizada hoje, foi reconhecida como profissão apenas em 1962. Isso representou um grande movimento em duas frentes: na profissional e na acadêmica. Na profissional, porque foi um período de concessão do registro de atuação profissional àqueles que já vinham exercendo, ao longo de vários anos, atividades que, a partir daquele momento, eram caracterizadas como de âmbito do psicólogo. Já na esfera acadêmica, o movimento foi de outra ordem, porque, apesar de possuir um corpo teórico considerável na prática clínica, em outras áreas, principalmente na educação e em recursos humanos, a psicologia procurava se afirmar como ciência. Nessa época, houve a criação e a sistematização de um grande número de testes psicológicos que buscavam quantificar e “medir” a inteligência, o comportamento, a personalidade e outros temas considerados da área da Psicologia. Os instrumentos psicométricos desenvolvidos foram os utilizados com a seleção brasileira de futebol vigente (Rúbio, 2003).

A mesma autora ainda refere que, se na Psicologia o movimento era de reconhecimento e de afirmação, no esporte, e mais especificamente no futebol, as condições eram distintas. O futebol, profissionalizado no Brasil e em outros países desde a década de 1920, foi tornando-se

um fenômeno diferente das demais modalidades esportivas. Isso ocorre tanto naquilo que se refere à organização dos times e clubes – com atletas recebendo remunerações vultosas para os padrões da época e comissões técnicas compostas por profissionais de várias áreas – quanto pela organização de seus eventos – campeonatos nacionais e mundiais – nos quais as Federações da modalidade tinham autonomia para organizá-los e gerenciá-los conforme desejassem.

O marco inicial da Psicologia do Esporte brasileira foi em 1958, dado pela atuação e por estudos de João Carvalhaes, um profissional com grande experiência em psicometria. Atuou junto ao São Paulo Futebol Clube, equipe sediada na capital paulista, na qual permaneceu por cerca de 20 anos. Esteve presente na comissão técnica da seleção brasileira que foi à Copa do Mundo de Futebol em 1958, a qual conquistou o primeiro título mundial para o país, na Suécia. Porém, a psicologia ainda não considerava as capacidades psicomotoras dos indivíduos, enfatizando mais as intelectuais, vistas através dos testes psicométricos. Em vista disso, os trabalhos de Carvalhaes deixaram a desejar nesta época (Machado, 1997).

Quase meio século após a atuação pioneira, a Psicologia do Esporte no Brasil segue seu próprio rumo em diversas direções. Caminhando passo a passo com a Psicologia Geral, pode-se observar o desenvolvimento não de uma, mas de várias Psicologias do Esporte, distintas umas das outras devido ao referencial teórico que sustenta essa produção acadêmica e prática (Rubio, 2003).

Tendo em vista os aspectos discutidos anteriormente, este estudo pretende identificar como os técnicos de futebol significam o trabalho da psicologia do esporte, procurando entender como esta prática é produzida. Para tanto, questões teóricas, históricas e contemporâneas, vinculadas à Psicologia do Esporte, serão utilizadas e discutidas, baseando-se em estudos teóricos e nos depoimentos de treinadores entrevistados.

METODOLOGIA

No presente estudo foi utilizado método qualitativo, considerado mais adequado para a investigação dos objetivos propostos, porque objetiva desenvolver a sensibilização para conceituações, apresentando descrições do fenômeno pesquisado. Não pretende, portanto, estabelecer causas e prever comportamentos, mas sim buscar a compreensão de determinado fenômeno.

Participantes

Este estudo foi realizado em clubes profissionais de futebol da cidade de Porto Alegre/RS, nos quais foram entrevistados cinco técnicos. Os participantes foram previamente contatados

para participar da pesquisa e que consistiria em uma entrevista com o pesquisador. Foi garantido o anonimato e o consentimento informado de todos os participantes.

Procedimentos

Através de uma entrevista semi-estruturada, com um roteiro flexível, investigamos questões que abordavam a atuação do técnico, do psicólogo e a interação entre os mesmos, além de questões pertinentes à relação da Psicologia do Esporte com o futebol. Estas entrevistas foram realizadas individualmente, no próprio clube onde trabalhava o técnico, com duração de aproximadamente uma hora. Os encontros foram marcados em função da disponibilidade do entrevistado.

Análise dos Dados

O trabalho foi organizado a partir dos discursos dos técnicos, e, para a análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo, o que nos permitiu a formação de categorias temáticas. Dessa forma, foram construídas quatro categorias relacionadas à Psicologia do Esporte, à realidade da atuação do psicólogo e à relação entre os profissionais e ao atleta no meio esportivo. Portanto, em busca de uma melhor síntese do conteúdo analisado, o estudo está dividido em dois capítulos: a inserção da psicologia do esporte e a dinâmica entre a equipe técnica e o atleta.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A inserção da psicologia do esporte

A Psicologia do Esporte enfoca, em seus estudos, a dimensão psíquica e física do ser humano. Para isso, os aspectos psicológicos dos atletas e as atividades físicas são trabalhados conjuntamente, visto que possuem uma profunda relação. Sabe-se, hoje, que não existe uma mínima ação que não tenha influência do mundo psicológico singular do indivíduo e, portanto, pensar e intervir nesse sentido torna-se essencial no meio esportivo. Em vista disso, o psicólogo do esporte deve recorrer a teorias e métodos específicos de psicofisiologia referentes ao esporte em que vai intervir (Samulski, 2002).

Segundo Rubio (2003), na década de 80 intensificaram-se as buscas pela formação específica da psicologia do esporte em países da Europa. Atualmente, esta área de atuação está se adaptando à realidade brasileira, considerando as particularidades de cada modalidade esportiva. Por isso, ainda é tida como novidade no Brasil, conforme refere um dos participantes: *“Hoje em dia ela ainda está engatinhando, não está muito avançada (...) mas está em um processo de*

evolução muito bom (...) até pelo exemplo de profissionais de sucesso como o Vanderlei Luxemburgo e o Felipão!". Há poucos cursos de especialização em psicologia do esporte, sendo que nos currículos das faculdades de psicologia, recentemente, começaram a ser oferecidas cadeiras optativas. Logo, muitos psicólogos buscam esta formação no exterior, um dos técnicos comenta: *"O Brasil está evoluindo e, também, em outros países, nos Estados Unidos, na Rússia, principalmente nos países da Antiga União Soviética, todos eles usam muito a psicologia!"*.

O psicólogo, fazendo um trabalho em conjunto com a comissão técnica, pode trabalhar situações de isolamento, agressividade, ansiedade e quaisquer fatores que sejam necessários, conforme citado por um dos entrevistados: *"Trabalhos sobre ansiedade e estresse, de dentro da quadra, o jogador já se auto-sugestionar para baixar a sua ansiedade, o nível de estresse e o nervosismo, objetivando resultados de vitórias grandiosas"*. Como foi relatado, o psicólogo do esporte poderá contribuir com os atletas e o com o técnico através de observações das condutas, análise de processos e resultados, aconselhamento e orientação psicológica, sempre compartilhando informações e sugestões de intervenção com todos os envolvidos neste processo. Poderá, também, orientar comportamentos mais ou menos adequados ao contexto esportivo, auxiliando os atletas a trabalhar suas próprias questões emocionais ou até mesmo específicas, como medo e ansiedade, assim como, instrumentalizar a comissão técnica para manejar estas situações. Entretanto, entende-se que a atuação do psicólogo frente à equipe, dependerá muito da demanda, do tempo disponível e das condições de trabalho (Lima, 2002).

Percebe-se, atualmente, um forte incentivo à atuação do psicólogo nas categorias de base. É comum encontrar essa interação junto aos futuros atletas, principalmente crianças e adolescentes, enquanto que, com times profissionais, este trabalho torna-se mais raro. Diversas hipóteses explicam tal fenômeno, como a idéia de que, a ênfase nas categorias de base, seria em função da fase de desenvolvimento desses atletas, a adolescência, considerado um período de muitos conflitos internos, na qual necessitariam ajuda para focar prioritariamente o esporte. Outras vertentes afirmam que o trabalho com atletas profissionais seria mais específico e árduo, e por isso os psicólogos não teriam um espaço disponível para intervenções mais elaboradas, salvo casos mais graves de transtornos mentais. Todavia, um conjunto de fatores parece influenciar essa condição de predomínio da atuação dos psicólogos junto às categorias de base. Tal questão surgiu explicitamente nos discursos dos técnicos: *"No futebol profissional ainda tem muitas restrições, apesar de exemplos como o Luis Felipe, que utiliza a psicologia no trabalho dele, e como o Parreira, que usa não a psicologia, e sim a questão de motivadores (...) para ganhar o campeonato"*.

Conforme Rubio (2003), nas categorias de base, o trabalho do psicólogo do esporte é norteado por diversos fatores, como tolerância à frustração, motivação, adesão e bem-estar, com a finalidade de direcionar a equipe à tarefa. O psicólogo do esporte também trabalha no sentido de incentivar a permanência do atleta no esporte, como o manejo do técnico e da família para com ele. A comissão técnica, por sua vez, costuma ter dificuldade em perceber que todas estas

questões visam a vitória, até porque o psicólogo, muitas vezes, também pode ter dificuldade em explicar isto em uma linguagem acessível, tanto ao técnico quanto aos atletas. No entanto, quando refere-se em técnicos de categorias de base, percebe-se que estes mostraram-se mais receptivos ao trabalho do psicólogo do esporte: *“Toda vez que trabalhamos em conjunto com a psicologia tivemos alguns resultados melhores em campo e no trabalho do dia-a-dia”*. Apesar dessa inserção da Psicologia do Esporte nas categorias de base, percebe-se ainda a idéia de um trabalho supérfluo, não tão relevante a ponto de ser utilizado em times profissionais. Ressalta-se a importância de estudar e trabalhar a tolerância à frustração, a motivação, a adesão e o bem-estar, que surgem desde o início da formação, para que estas possam ser desenvolvidas com maior precisão e auxiliar em um rendimento futuro.

Espera-se que, o atleta que ingressa no time profissional, já tenha trabalhado diversos aspectos pessoais e esportivos e que saiba como alcançar a vitória. Em vista disso, o psicólogo do esporte intervém no sentido de manter este foco (Rubio, 2003). No time profissional, o trabalho é visto de maneira extremamente séria pelos profissionais do futebol, pois o que importa é o alcance da vitória, os resultados. Entretanto, apesar da Psicologia do Esporte ser uma área respeitada, ainda é bastante escassa nesta categoria.

Cabe ressaltar que, ao comentar sobre a Psicologia do Esporte, se identificou nos discursos dos entrevistados a idéia de que essa é uma ferramenta secundária ao esporte, às vezes, até utilizada, como um último recurso: *“Eu considero importante e, principalmente, no futebol existem diversas situações que até exigem”*. Assim, observa-se que, apesar de considerar importante a área, os técnicos entendem a atuação do psicólogo restrita a situações especiais e emergenciais, não possuindo a noção de prevenção e trabalho contínuo.

O psicólogo do esporte precisa trabalhar a cooperação, isto é, o alcance de objetivos comuns que beneficiem a todos (Rubio, 2003). Uma forma interessante para o psicólogo divulgar a sua prática no esporte é facilitar situações e oportunidade que exponham resultados do seu trabalho: *“Tem um profissional muito bom, escutei algumas palestras dele (...) tem trabalhos dinâmicos sobre coesão de grupo (...) com resultados magníficos”*. Tenta-se uma nova forma de inserção, para que, progressivamente, o psicólogo mostre ser essencial para a equipe técnica: *“Temos muito a evoluir ainda e isso parte, principalmente, das diretorias e dos presidentes dos clubes tomarem conhecimento disto”*. No entanto, ainda percebe-se que há uma certa acomodação de quem atua no mundo esportivo em relação ao trabalho da psicologia do esporte, já que é uma área que descentraliza as tarefas, não ficando essas apenas sob o controle dos técnicos.

A visão da Psicologia do Esporte é fortemente permeada pela Psicologia Clínica, seguindo o modelo de uma atenção individual, na qual se procura trabalhar com maior ênfase questões do indivíduo. É escasso o trabalho relacionado a fatores do próprio esporte, tais como motivação e ansiedade frente à competição.

Em consequência disso, o mito de que a psicologia é uma grande solucionadora de problemas também acompanha sua atuação na área esportiva, na qual ela, muitas vezes, é vista como apaziguadora e conciliadora, um último recurso quando muitos outros já falharam. Constrói-se, assim, a idéia de que o psicólogo deve funcionar como “meio-de-campo” entre os membros da equipe, independente da ética, visando, apenas, o objetivo maior do esporte, que é a vitória acima de tudo: “O psicólogo terá que abdicar um pouco de sua ética, não a ética profissional, mas a ética desse contratinho¹, para poder chegar e nos dar uma dica”. A Psicologia do Esporte, frente às dificuldades em se fixar como área de estudo, sofre da necessidade de firmar seu referencial conceitual e profissional, sua prática e sua ética (Lima, 2002).

Segundo Rubio (2003), pode-se citar, como papel do psicólogo do esporte, estimular os atletas para que usem os aspectos psicológicos a fim de atingir um adequado estado de saúde mental e, conseqüentemente, um aumento da sua performance. Ajudar, também, a esclarecer os benefícios da prática de atividades físicas e esportivas, como a melhora do bem-estar, da saúde e maior socialização dos atletas: “Se vemos que o atleta não está rendendo, procuramos falar com o psicólogo, para esse buscar a informação do que está acontecendo com o atleta que ele não está mais rendendo”. Os técnicos ressaltam que o rendimento deve ser um dos objetivos da Psicologia do Esporte, e que trabalhar as características pessoais dos atletas e a forma de manejo do técnico auxiliam na obtenção de um alto rendimento. “Para nós podermos maximizar a performance do atleta (...) fazer com que o futebol e o jogador consigam ter um rendimento acima do normal do que era esperado antigamente”.

Podemos citar como possíveis intervenções do psicólogo, a avaliação do perfil psicológico do atleta, acompanhamentos individual e grupal, orientação e aconselhamento, assessoramento à comissão técnica, acompanhamento familiar, assim como acompanhamento de rotinas (Lima, 2002): “Um recurso da parte psicológica é testar esses atletas para nós, dar alguns subsídios”.

Mesmo não sendo questões destacadas nos discursos dos técnicos, na literatura percebe-se, muitas vezes, a associação da Psicologia do Esporte à terapia em grupo, na qual se trabalham questões como liderança e integração. Lima (2002) resalta a importância do acompanhamento grupal para o esporte de alto rendimento, referindo que os trabalhos em grupo buscam atuar na coesão grupal, lideranças, estratégias de motivação, entre outras detectadas pelos profissionais.

Como uma das importantes ferramentas do psicólogo do esporte é a observação e o contato diário com a equipe esportiva, evidencia-se a necessidade de que esse conheça todos os fatores envolvidos no desempenho do atleta e, de estar inteirado do dia-a-dia do treinamento, através do contato freqüente com a comissão técnica e com os esportistas. Desta forma, o psicólogo pode realizar um trabalho de apoio ao técnico e de integração da equipe, a fim de viabilizar melhores resultados nos jogos competitivos.

A dinâmica entre a equipe técnica e o atleta

A relação que o brasileiro tem com o futebol é bastante singular. O futebol foi introduzido pelo brasileiro, descendente de ingleses, Charles Müller, que realizou o primeiro jogo no Brasil em 1874 no São Paulo Athletic Clube. Posteriormente, em 1898, foi criado o primeiro clube de futebol intitulado Associação Atlética Mackenzie. O futebol foi se dissipando progressivamente, porém ainda era jogado apenas pelas classes sociais mais altas, em vista do alto custo dos uniformes, bolas e equipamentos. Enquanto isso, nas ruas e nos subúrbios das cidades o futebol era praticado pelas classes baixas, através de alternativas como bolas de meia, frutas e quaisquer meios que saciassem tamanha paixão que o brasileiro, desde cedo, dedicava a esse esporte (Leal, 2001). Atualmente, é um esporte difundido em todo o mundo, principalmente no Brasil, onde faz parte da cultura. É praticado em todas as classes sociais e por pessoas das mais diferentes etnias, demonstrando ser uma prática esportiva integradora e produtiva, mesmo que, freqüentemente, seja competitiva e geradora de disputas em diferentes âmbitos. Em vista disso, em torno do futebol existem diversas questões sociais, econômicas e culturais envolvidas, influenciando as vicissitudes de sua prática.

O futebol mostra características peculiares, assim como qualquer esporte. A escolha pela prática deste, seja pelo atleta ou por seu responsável, já indica que há, de alguma forma, um tipo de identificação com esta configuração: *“A característica fundamental e primordial do futebol é ter atitude, um jogador que, dentro da sua vida, sabe o que quer, que se dedique ao máximo”*. Praticar futebol eventualmente e tornar-se um jogador profissional é bastante diferente, visto que a dedicação que a segunda opção exige é incomparavelmente maior. Para os profissionais, demonstrar essa atitude que o técnico entrevistado relatou, acaba por auxiliar muito sua performance em campo.

As características de personalidade parecem influenciar o desempenho do atleta em campo, mas não é algo muito focado pela equipe técnica ao escolher os profissionais contratados. Apesar de importante, segundo os técnicos, elas não são determinantes: *“No futebol não tem jeito de você unir, fazer algo homogêneo, todos terem uma mesma personalidade ou características idênticas na mesma equipe (...) é preciso respeitar as individualidades também (...) Não há uma linha a seguir para colocar o mais agressivo no meio campo ou no ataque ou na defesa, não é assim”*. Dessa forma, a parte técnica parece ser mais evidenciada e enfatizada do que as psicológicas na escolha das posições dos atletas em campo.

Sendo assim, observa-se que os técnicos, ao se referir sobre a atuação do psicólogo do esporte em conjunto com a sua prática, mostraram acreditar que o trabalho desse é secundário, já que afirmaram ser um fator importante, mas não definiram em que sentido seu auxílio é eficaz: *“Eu acredito que a ajuda de um psicólogo numa comissão técnica é válida. Se não fosse válida,*

não seria feita. Quantas experiências e quanto tempo já vem se fazendo esse tipo de trabalho e cada vez mais aumenta. Se está aumentando, é porque tem trazido resultados.”

A estrutura da prática, a busca por resultados e o anseio pelo alcance de metas parecem sofrer uma reação com a individualidade do atleta, produzindo novas atuações: *“Tem um jogador que é uma 'mãe' fora de campo e dentro de campo se transforma (...) como? Não tem explicação, é só dentro de campo que ele tem aquele tipo de personalidade. (...) aquilo, para ele, é a sobrevivência”*. O quanto de investimento e expectativas que o atleta coloca na sua carreira faz parte dessa mudança de comportamento. Também, o esporte pode mobilizar diversas questões intrapsíquicas do atleta, o que contribui para a formação de sua identidade atlética. O psicólogo, por sua vez, parece ter dificuldade em mostrar à equipe técnica que, a maneira como cada um se transforma dentro do campo, como cada um reage frente a situações de pressão, é parte da personalidade da pessoa. Por isso, parece que só as habilidades físicas são valorizadas, mas sabe-se que físico e emocional estão interligados.

O conhecimento dos aspectos técnicos, físicos e psicológicos contribuirão, com intensidades diferentes, no resultado específico de cada atleta: *“Todas essas características vêm a definir qual a função que ele vai desempenhar dentro do campo”*. Assim, dependerá da equipe que trabalhará com este atleta, os objetivos desta e de outros fatores que acabam por influenciar a escolha dos profissionais. Essa instabilidade na escolha das posições, muitas vezes, pode gerar ansiedade nos atletas, que vivem a constante incerteza do seu futuro profissional no mundo do futebol, caracterizado por uma carreira intensa, mas, freqüentemente, breve. Em vista disso, a consciência de um tempo determinado para se esforçar, treinar e fazer sucesso é um grande incentivo para os atletas continuarem melhorando seu desempenho.

Um sentimento de ambivalência pode ser comum entre os atletas quando se deparam com as decepções e privações do esporte, contrapondo benefícios e regalias ressaltadas pelos seus familiares, em benefício de sua carreira esportiva: *“Aqui os atletas tem que estar rendendo sempre (...) e eles nem sempre estão bem em casa, não sabemos o que eles comem, alguns comem, outros não, não sabemos como é que eles vêm”*. O incentivo dos pais, assim como a pressão e a cobrança, podem contribuir para um atleta se centrar mais em seus objetivos, mas pode, também, acabar com qualquer tipo de autoconfiança que este possui. São nesses momentos que o auxílio da equipe interdisciplinar se torna indispensável.

Outro ponto fundamental é como o atleta costuma agir e reagir na maioria das situações. A individualidade torna-se uma condição para que os profissionais conheçam de forma mais completa o seu atleta, não somente seus aspectos físicos ou táticos, mas também suas peculiaridades psicológicas: *“Temos que tratar cada um da maneira que tem que ser tratado. São culturas e classes sociais diferentes, então temos que saber de que maneira chegar. Cada um tem um histórico diferente de vida, uma base familiar”*. Esses fatores, formados através da estrutura familiar e social na qual está inserido, necessitam de uma abordagem única, particular, que alcançará um melhor êxito no resultado das intervenções.

A superação da dor física é uma das difíceis etapas que os esportistas de alto rendimento precisam ultrapassar. A necessidade de excelência que os atletas sentem acaba por motivá-los a ultrapassar limites e a cometer excessos, buscando viver todas as possibilidades do presente: “*O jogador está com um pouco de dor, mas toma uma medicação e vai para o jogo, por que nós precisamos do resultado*”. A preocupação com o futuro de seus corpos torna-se pouco significativa em comparação com a vontade de deixar uma marca de sucesso hoje. Assim, são comuns lesões e problemas de saúde serem recebidos com pouca importância, dando um maior valor à preocupação de render cada vez mais. Muitas vezes, o atleta recebe recomendação médica para não continuar no jogo, mas a ânsia por vencer é tamanha que ultrapassa todos seus limites para alcançar o objetivo traçado. A constante luta por uma boa performance é vivida intensamente na rotina esportista, na qual o desejo de vencer e competir a qualquer custo, mesmo desrespeitando a própria saúde, muitas vezes tem um caráter heróico (Valle, 2003).

Nestes momentos, é indiscutível a importância das relações interpessoais na vida do atleta. Entre elas, a relação técnico-atleta é crucial. Os técnicos, para manter ou melhorar a eficácia do desempenho do atleta, devem ter consciência e informação sobre as relações pessoais e tentar trabalhar conforme as situações exijam. Afinal, tanto o técnico quanto o esportista exercem influências um sobre o outro na elaboração de seu autoconceito. “*O atleta não cumpre, porque ele está com divergência, está freiado em relação às ações do treinador*”. Um treinador pode facilitar a imagem que o atleta tem de si, assim como pode arrasar com ela, dependendo da forma como agirá durante o convívio. O inverso também é verdadeiro, já que um atleta pode atribuir seu fracasso ou sucesso unicamente ao desempenho de seu técnico.

Apesar da interdisciplinaridade estar cada vez mais comum na atualidade, ainda percebe-se o papel de técnico sendo realizado em diversos âmbitos. Muitas vezes, o técnico exerce, além de sua função primordial, também a função de professor, fisioterapeuta, psicólogo, patrocinador e, às vezes, até de pai. Logo, o manejo de tantas responsabilidades e atuações acaba por sobrecarregar o treinador (Franco, 2000). Assim, ao longo dos treinos, atletas e técnico estreitam cada vez mais suas relações. O técnico, muitas vezes, ao dar dicas e conselhos relacionados ao treinamento e ao rendimento dos seus atletas, acaba interferindo, também, na educação e na disciplina dos mesmos. Esta relação pode se tornar cada vez mais parecida com uma relação pai-filho, no momento em que ambos dão abertura para que a mesma se estabeleça: “*Mais que mãe e pai de muitos*”. Porém, é importante que ambos saibam delimitar seus papéis e funções.

Cabe ressaltar que, de um modo geral, os técnicos ficam tão atentos à técnica e à disciplina, que acabam esquecendo o lado humano dos atletas, tendem a ser impessoais, seguindo as normas e regulamentos do clube com firmeza para atingir seus objetivos, parecendo ignorar a existência do psicológico e o seu papel decisivo na performance do atleta: “*O atleta não gosta do treinador e fala para o psicólogo ‘ah, não gosto do treinador’*”. Dessa forma, a existência de outros profissionais fornecendo um suporte para o atleta se torna extremamente relevante e importante na resolução das mais diversas questões: “*No futebol existe um círculo (...) que é o treinador, o*

preparador físico, a fisiologia, a área médica, a área odontológica, a área da psicologia, a área social, a imprensa e uma série de outros intervenientes que toda área estará mexendo com esse atleta, para alcançar um resultado máximo”.

O técnico participa da construção das relações interpessoais do atleta, através do convívio com os outros companheiros do grupo. Independente da idade do esportista, as interações entre técnicos e atletas vão depender, principalmente, das necessidades e personalidade dos envolvidos. Isto pode influenciar a performance do atleta, negativa ou positivamente, quando não existir correspondência com as necessidades requeridas ou sobrarem estímulos inadequados: *“Nós sabemos que passa mil coisas na cabeça dos atletas (...) então não basta passar para eles as vivências que se tem, precisa passar conhecimento, aliando tudo (...) eles querem saber se tu tem alguma coisa para passar”.* Tanto o treinador, quanto o atleta, possuem anseios e desejos que podem, ou não, ser semelhantes. As necessidades podem não ser exatamente iguais ou próximas, porém cabe ao treinador saber e aprender a lidar com estes valores, passando ao atleta, da melhor maneira possível, informações, experiências e conselhos que objetivam uma melhora na performance esportiva (Machado, 1997).

Contribuindo para esta configuração, a relação técnico-atleta deve ser agradável, para que ambos consigam realizar um trabalho juntos. Pode-se dizer, inclusive, que a cobrança por resultados positivos do técnico para com seu atleta, nas competições, faça parte dessa boa relação. Notou-se que o atleta precisa entender que um dos papéis do treinador é cobrar do esportista, para que esta se torne uma motivação para o atleta poder dar o seu máximo nos treinos: *“Não teve nota e frequência, ele é automaticamente afastado (...) tem que ter atitude, uma vontade de querer vencer dentro e fora. Se não tiver isso, não chega”.* Outra cobrança é a que o próprio atleta tem para consigo. Afinal, ele sabe de todas as dificuldades pelas quais passou e de tudo pelo qual se esforçou para alcançar as suas metas. Quando o futebol é o sustento do atleta, a cobrança é maior ainda, pois o esportista sabe que se não fizer o melhor que puder e não superar todas as expectativas almejadas, ele colocará seu futuro em risco.

O atleta, em toda sua composição, vai sendo construído à medida que sua carreira prossegue. Todas as influências, internas e externas que vai sofrendo, vão construindo sua personalidade, determinando sua motivação, seu desempenho e seus sentimentos. O conhecimento desse conjunto parece ser essencial para que se trabalhe com esse indivíduo muito mais do que uma defesa em campo melhor estruturada, ou a marcação de mais gols, mas, principalmente, o manejo de seu lado humano, que estará produzindo sentidos durante toda essa trajetória.

Atualmente, é evidente a preferência pelo profissional da psicologia que tenha experiência no esporte com o qual irá trabalhar. Entretanto, muitas vezes, nem mesmo com esse diferencial o psicólogo consegue conquistar seu espaço. Como o educador físico tem a disciplina de psicologia do esporte no currículo da sua graduação, pode pensar que este é o preparo suficiente para exercer esta atividade, permanecendo, assim, com todo o controle da sua prática: *“Na educação*

física tem algumas disciplinas de psicologia e psicologia do esporte (...) que te traz algum conhecimento e vivência”.

Desta forma, Rubio (2003) diz que a psicologia do esporte não é vista como prioridade por quem trabalha na área esportiva. Podemos observar no comentário de um técnico: *“Como todo o clube do Brasil, a situação financeira é complicada. No ano passado, esses mesmos psicólogos que hoje ainda estão trabalhando, estiveram um ano sem receber nada (...) o trabalho começou em fevereiro e o da psicologia, em maio”.* Como profissionais do esporte passaram muitos anos sem o trabalho da psicologia do esporte, eles mesmos acabam realizando uma parcela da prática da psicologia, com conhecimentos advindos de estudos paralelos.

Assim, os profissionais da comissão técnica parecem desvalorizar quem tem essa formação mais específica, “absorvendo” o seu trabalho como refere um dos entrevistados: *“Se fosse só o psicólogo que nunca competiu, mas tem esta formação, pode nos ajudar um pouco, mas se tem alguém que tem esta passagem dentro da área, pode nos ajudar muito mais, porque só os estudos e os livros não vão conseguir explicar tudo que acontece dentro do campo”.* Muitas vezes, esse movimento ocorre em função da escassez de estudos nessa área durante a formação acadêmica do psicólogo, e em função disso, seu conseqüente despreparo. Dessa forma, o educador físico, que já tem sua prática no esporte, atende a esta demanda.

Rubio (2003) relata que esporte pressupõe expectativa, movimentos e habilidades corporais, o enfrentamento de frustrações inerentes, de ansiedade, limites, além da motivação, os quais estão diretamente relacionados à emoção. Também implica trabalho em equipe, comunicação e formação de lideranças. Lima (2002) complementa, afirmando que o técnico deve conhecer a importância do trabalho do psicólogo do esporte como participante da comissão técnica, um profissional que irá contribuir para a otimização da equipe.

É comum, todavia, encontrar técnicos que parecem sentir seu controle sobre o time ameaçado por outro profissional, o qual também terá uma importância para seus atletas. Em função disso, ao invés de perceber esta parceria como um auxílio ao seu trabalho, o técnico acaba tendo receio de que estes profissionais acabem invadindo seu espaço de atuação junto aos atletas. Este exemplo percebe-se no relato de um dos técnicos entrevistados. *“Então são duas situações bem diferentes em relação à liderança, que pode ter ou não ela ameaçada pelo psicólogo”.*

A resistência da comissão técnica em relação à atuação do psicólogo no mundo esportivo é observada através de um certo receio por parte dos técnicos, os quais vêem este como alguém que pode invadir seu espaço. Isso pode se dar pela falta de conhecimento a respeito do trabalho que o psicólogo desempenha ou até por trabalhos desenvolvidos anteriormente de maneiras não adequadas (De Rose, 2000): *“O psicólogo do esporte normalmente faz uma palestra para os atletas. É claro que o treinador pede um foco, o que ele quer, mais ou menos no sentido em que ele quer a conversa”.*

Nas entrelinhas dos discursos surgem os pré-conceitos, a desconfiança e o temor de perder o controle da situação. Ambivalentes no sentimento de aceitar a Psicologia como um aliado ou visualizá-la como um inimigo, os técnicos ora afirmam a importância e a necessidade do trabalho desenvolvido, ora duvidam da capacidade de ajuda de um profissional que não é exclusivo para o futebol. *“Existem reuniões, ele não acompanha todos os treinos. observe o relato deste técnico: “Ele não vive só do esporte, os psicólogos que aqui trabalham, tem atividades fora, dão aula, têm outras ocupações”.*

Os técnicos ressaltam o fato de que são os únicos que conseguem manter contato diário com os atletas e deixam bem claro que, sem a aceitação e ajuda deles, não é possível a inserção da psicologia. Como podemos observar neste relato: *“Vai muito da criatividade do psicólogo, da capacidade do treinador em assimilar e aceitar as colocações do psicólogo, porque isso eu considero fundamental. Se não houver essa aceitação do treinador, está se perdendo tempo fazendo o trabalho de psicologia”.*

Percebe-se que o técnico oscila entre o desejo de um trabalho mais integrado com a psicologia: *“Hoje, dentro do futebol, nós temos um contato com o profissional da psicologia, mas é uma situação um pouco distante ainda. Seria necessário que fosse mais próximo”*, e o medo de que esse trabalho integrado ameace o seu comando: *“Claro que tem algumas coisas que tem que evoluir na psicologia, por exemplo, a situação de um contrato entre psicólogo e atleta, que essas informações não podem ser passadas para o treinador”.* Tais questões aliam-se à referência de De Rose (2000), de que a Psicologia do Esporte já é visualizada como algo importante, mas ainda secundário.

Samulski (2002) ressalta que a parceria entre técnico e demais profissionais ainda é recente, principalmente quando se comenta sobre uma relação do mesmo com psicólogos. Em vista disso, a atuação e a aproximação do psicólogo ao atleta e à equipe esportiva devem acontecer de maneira cuidadosa e realizada nas devidas oportunidades, pois esta ligação pode ser desastrosa se apenas for estabelecida emergencialmente ou de forma impulsiva. Dessa forma, com tal cuidado, o trabalho em conjunto entre técnicos e profissionais da área da saúde e de outras áreas traz diversos benefícios e concede uma maior importância a novas configurações no meio esportivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de técnicos de futebol em clubes profissionais está permeado por uma prática que visa, prioritariamente bons resultados, envolvendo um contexto competitivo de rivalidades, que objetiva o alcance do sucesso imediato. Muitas vezes, os meios para o alcance da vitória não são valorizados, concedendo importância unicamente ao resultado, independentemente da forma

pela qual foi alcançado. É nesse contexto que a Psicologia do Esporte se insere, trabalhando e atuando nessa dinâmica tão peculiar.

A maioria dos técnicos demonstra não possuir conhecimento do verdadeiro auxílio específico que a intervenção da psicologia pode oferecer no âmbito esportivo. A prática parece não condizer com o discurso produzido pelos técnicos de valorização do trabalho da psicologia, visto que esta atuação fica restrita como uma última alternativa. Os técnicos afirmam valorizar o trabalho conjunto com a psicologia, mas mostram um conhecimento restrito acerca desse trabalho, pois não conseguem detalhar em qual sentido essa união é eficaz. Evidencia-se, portanto, uma prática corretiva, que atende somente a uma demanda imediata, não enfatizando a produção de novos caminhos para o bem-estar psíquico do atleta e de toda a equipe técnica. Há uma divisão entre atuação corretiva e preventiva.

Tendo em vista que, o foco de estudo do psicólogo é a humanização, e que este se contrapõe com o objetivo central do técnico, que é a busca de resultados a curto prazo, surge à dificuldade, por parte do psicólogo, de como trabalhar com tais ambivalências. Através dos discursos dos técnicos, percebe-se que os psicólogos costumam abdicar de um olhar humanizado para se submeter às exigências da comissão técnica. O profissional se depara com uma instabilidade do mercado, visto que a Psicologia do Esporte ainda encontra muitos desafios, ficando como uma área restrita, que gera inseguranças e limitações.

A dificuldade de interação e sintonia entre a atuação do técnico e a psicologia mostra-se claramente, demonstrando a necessidade de aprimorar tais relações. Possivelmente, esse fato pode ser decorrente da falta de explicitação do seu papel à comissão técnica. O psicólogo pode mostrar que a sua prática permeia, implicitamente, a busca pela melhor performance da equipe, dando assistência e qualificação ao trabalho técnico, através de uma atuação conjunta, sem hierarquias. Há uma dificuldade em mostrar que a sua prática também realiza intervenções que visam a prevenção de futuros problemas e que auxiliam em uma intervenção mais produtiva e integrada entre os jogadores, comissão técnica e psicologia.

A inserção do psicólogo é dificultada pela recepção que recebe dos profissionais do meio esportivo, principalmente do técnico. Este, com uma história de controle total sobre seu time, passa a ter que abrir espaço para outros profissionais, promovendo uma abertura, também, no controle do grupo, descentralizando o poder. Atualmente, não só um técnico é responsável pelo desempenho do time, mas toda uma equipe que prepara e conduz os atletas à vitória. Entender e permitir que o psicólogo realize sua intervenção, respeitando sua ética profissional é uma barreira a ser vencida.

A formação deficitária na área da Psicologia do Esporte nas universidades dificulta a inserção do psicólogo no meio esportivo. Muitos técnicos afirmam que a experiência da prática esportiva, suas particularidades e questões diversas são essenciais para o trabalho do psicólogo. Percebe-se assim, que conhecimentos acerca da psicologia não são suficientes para realizar uma

intervenção efetiva. É necessário um aprofundamento a respeito do esporte, interagindo conhecimento acadêmico de psicologia com prática do esporte.

A psicologia do Esporte está, cada vez mais, ganhando espaço no meio esportivo e conquistando a confiança dos demais profissionais. Todavia, os esforços para uma prática valorizada não devem ser interrompidos. Uma busca incessante por atualização, através de conhecimento e vivência, auxiliará o psicólogo do esporte a alcançar e consolidar seu lugar entre as equipes técnicas dos mais distintos esportes.

REFERÊNCIAS

Conselho Federal De Psicologia. **Jornal do Conselho Federal de Psicologia**, ano XVI, n.69, julho 2001.

De Rose, D. J. O Esporte e a Psicologia: enfoque do profissional do esporte. In Rúbio (org.). **Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 29-40.

Franco, Gisela Sartori. **Psicologia no Esporte e na Atividade Física**. São Paulo: Manole, 2000.

Gonzáles, J.L. **El entrenamiento psicológico en los deportes**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva S. L, 1996.

Leal, J.C. **Futebol: Arte e Ofício**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

Lima, N.S. **Psicologia do Esporte: trajetórias de uma nova prática**. Tese de doutorado em Psicologia/ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Faculdade de Psicologia/ Orientadora: Marlene Neves Strey. Porto Alegre, 2002.

Machado, Afonso Antônio (Org.). **Psicologia do Esporte**. Jundiaí: Ápice, 1997.

Rubio, Cátia (Org.). **Psicologia do Esporte: teoria e prática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

Samulski, Dietmar. **Psicologia do esporte**. Barueri: Manole Ltda, 2002.

Valle, Márcia Pilla do. **Atletas de alto rendimento: identidades em construção**. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2003.